

5

O PROBLEMA DO MAL: INTRODUÇÕES A DEFESAS ÚTEIS

Yago Martins¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é pensar de acordo com a cosmovisão cristã, sendo biblicamente profundo, filosoficamente correto e logicamente defensável em nossos contra-argumentos aos ataques do inimigo, sem esgotar todas as questões filosóficas e teológicas sobre o assunto, mas deixando o leitor capacitado a lidar com a maioria dos ataques à fé cristã que usam o *Problema do Mal* como argumento principal, fornecendo material apologético para que possamos responder a todo aquele que pedir a razão da esperança que há em nós.

Palavras-chave: Deus; mal; cosmovisão cristã; apologética; problema intelectual.

INTRODUÇÃO

*Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto?
Nascemos do mesmo jeito,
Moramos no mesmo canto.
Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto?*²

¹ Membro da Igreja Batista Manancial, em Fortaleza/CE, Missionário, Segundo Vice-Diretor e Líder da Divisão de Formação e Desenvolvimento na Missão GAP, Bacharelado em Exegese Bíblica pelo Seminário e Instituto Bíblico Maranata e Diretor-Fundador do Movimento Cante as Escrituras.

² “O mal e o sofrimento”, de Leandro Gomes de Barros.

“Deus deseja prevenir o mal, mas não pode fazê-lo? Então não é onipotente. Deus é capaz de fazê-lo, mas não deseja? Então é malévolo. Deus é tanto capaz quanto desejoso? Então por que existe o mal?”. Há anos, o conhecido *Paradoxo de Epicuro*³ tem abalado a fé de muitos cristãos e causado risos de vitória em proponentes do ateísmo. Conhecido também como *Problema do Mal*, a ideia de que um Deus bom não permitiria um mundo tão cheio de dores e problemas é presente nas conversas, nos livros, nas poesias, nas canções e nos programas de TV. Ao observarmos o número de estupros, assassinatos, desastres naturais, desabrigados, gente morrendo por inanição, a pergunta “por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?” torna-se constante. Santo Agostinho, mesmo como cristão, levantou vários questionamentos a este respeito em suas Confissões: “Mas de onde vem o mal se Deus é bom e fez todas as criaturas boas?”, “Porventura da matéria que ele [Deus] usou?”, “O Onipotente teria sido impotente para convertê-la [a matéria], de modo que nela não permanecesse mal nenhum?”, “Que onipotência era a sua se não podia criar algo de bom sem o auxílio de matéria não criada por ele?”⁴

Nossa proposta é pensar de acordo com a cosmovisão cristã, sendo bíblicamente profundo, filosoficamente correto e logicamente defensável em nossos contra-argumentos aos ataques do inimigo, sem esgotar todas as questões filosóficas e teológicas sobre o assunto, mas deixando o leitor

³ Muito possivelmente, o que hoje chamamos de *Paradoxo de Epicuro* só possui tal nomenclatura por um erro de atribuição cometido pelo cristão Lactâncio. Há sugestão de que tal pensamento provenha da obra de um filósofo cético que antecedia Epicuro, possivelmente Carnéades (LARRIMORE, 2001, p. xix-xxi), ou até mesmo de fontes antiepicuristas (GLEI, 1988, p. 47-58). A versão mais antiga ainda preservada deste trilema aparece nos escritos de Sexto Empírico, médico e filósofo cético grego que viveu entre os séculos II e III a.C. (“*Those who firmly maintain that god exists will be forced into impiety; for if they say that he [god] takes care of everything, they will be saying that god is the cause of evils, while if they say that he takes care of some things only or even nothing, they will be forced to say that he is either malevolent or weak*”, em *Outlines of Pyrrhonism*).

⁴ AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 175-176.

capacitado a lidar com a maioria dos ataques à fé cristã que usam o *Problema do Mal* como argumento principal, fornecendo material apologético para que possamos responder a todo aquele que pedir a razão da esperança que há em nós.

1 DUAS INTRODUÇÕES: ÔNUS DA PROVA E AS TEODICEIAS

É importante percebermos, ante tal questão, quem possui o ônus da prova neste debate. Ao tentar provar a existência de Deus, o ônus da prova recai sobre o Cristão. Porém, com relação ao *Problema do Mal*, o ônus da prova recai sobre o ateu, que precisa mostrar onde realmente está o problema. Cabe a ele levar o argumento à conclusão de que Deus não existe. Infelizmente, muitos crentes permitem que os ateus invertam o ônus: “Dê-me uma boa explicação por que Deus permite o sofrimento”, e esperam que o cristão forneça uma boa resposta. Essa é uma técnica filosoficamente ilegítima e intelectualmente desonesta, uma vez que, se ele afirma a impossibilidade da existência de Deus com base na existência do mal, cabe a ele provar como estas duas realidades são contraditórias.⁵

Assim sendo, neste estudo, objetiva-se expor versões resumidas de *defesas* úteis para aqueles que precisam lidar com debates sobre o *Problema do Mal*, evitando lidar com a *teodiceia*⁶, focando nossa atenção em defender a fé ante os argumentos contrários mais do que em explicar positivamente os motivos de Deus em agir como age. Enquanto *teodiceia* significa explicar os motivos porque Deus permitiria mal no mundo, uma

⁵ CRAIG, William Lane. *Em guarda: defendendo a fé cristã com razão e precisão*. São Paulo: Vida Nova. 2011. p. 170-171.

⁶ Do grego *èãüò* (theós, “Deus”) e *ãbêç*, “justiça”), significa literalmente “justiça de Deus”. O termo foi criado em 1710 pelo filósofo Alemão Gottfried Leibniz em um trabalho intitulado *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l’homme et l’origine du mal*, que procurava demonstrar que a presença do mal no mundo não entra em conflito com a bondade de Deus.

defesa consiste em rebater os argumentos daqueles que afirmam que o mal é incompatível com a existência de Deus. Neste estudo, estamos mais preocupados com uma defesa do que com uma teodiceia.

Ainda que o ateu tente dizer que, por não sabermos quais os motivos que levam Deus a permitir o mal no mundo, então tal crença seria irracional. No entanto, tal acusação é irrelevante para o debate, como ilustra Alvin Plantinga⁷, é racional pensar que o ato de cortar a grama possui uma relação entre os movimentos corporais necessários para este ato, mesmo que não entendamos qual conexão existe exatamente. É a decisão que causa movimentos corporais? Se é, como o faz? Há uma cadeia causal intermediária entre a decisão e o primeiro de tais movimentos? Se há, quais gêneros de acontecimentos constituem tal cadeia? Como se relacionam estas decisões com o primeiro acontecimento desta cadeia? Ainda que não saibamos responder estas questões, continua sendo racional aceitar que existe um relacionamento entre nossos movimentos e o ato de cortar grama. Ainda que não saibamos explicar os motivos de Deus, somos racionais em pensar que Deus possui uma razão.

2 UMA DIVISÃO ÚTIL: O PROBLEMA EMOCIONAL E O PROBLEMA INTELLECTUAL

Uma vez que consideramos a existência do mal, precisamos lidar com a versão ateuísta do problema: a que quer negar a existência de Deus com base na existência de mal no mundo. No entanto, ao lidarmos com o *Problema do Mal*, tanto de modo apologético como de modo pessoal, precisamos iniciar fazendo uma divisão entre duas frentes do problema, uma de cunho emocional e outra de cunho intelectual. O *Problema Emocional*

⁷ PLANTINGA, Alvin. *Deus, a liberdade e o mal*. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 23-24.

do Mal está relacionado ao conforto dos que sofrem a existência do mal, o *Problema Intelectual do Mal* se refere ao fornecimento de uma explicação racional da coexistência de Deus e do mal. Enquanto o *Problema Intelectual* está na área de atuação do filósofo e do teólogo; o *Problema Emocional* está na do conselheiro e do pastor. Manter clara esta distinção é de fundamental importância, uma vez que a solução para o *Problema Intelectual* pode parecer seca, fria e inquietante para aqueles que estejam passando pessoalmente por sofrimento, enquanto a solução para o *Problema Emocional* pode parecer superficial e intelectualmente deficiente como uma explicação para quem aborda a questão de maneira lógica e abstrata.⁸

3 O PROBLEMA INTELECTUAL DO MAL

Para tratar do *Problema Intelectual do Mal*, criaremos uma divisão didática, segundo a orientação de Craig e Moreland.⁹ Observaremos separadamente o *Problema Interno* e o *Problema Externo* do Mal. No *Problema Interno*, lidaremos com premissas que o cristão está (ou deveria estar) comprometido. Já no *Problema Externo*, observaremos as premissas que o teísta cristão não está (ou não deveria estar) de acordo. Pode-se dizer que o *Problema Interno do Mal* está relacionado às dúvidas que surgem de dentro do cristianismo, quando o *Problema Externo do Mal* se refere aos ataques que vêm de fora da fé cristã.

3.1 O problema do mal

O *Problema Interno do Mal* assume duas formas comuns: as vertentes lógica e probabilística. Na versão lógica, o opositor objetiva de-

⁸ MORELAND, J. P., CRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova. 2005. p. 652.

⁹ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 652.

monstrar a impossibilidade lógica de que Deus e o mal coexistam, assim como é impossível a existência de um objeto inamovível e uma força irresistível: se existe um, não há o outro. Já na versão probabilística deste problema, existe uma admissão da possibilidade de Deus e o mal existirem, mas que isto seria altamente improvável, o que faria que o teísta cristão estivesse assumindo duas realidades que tenderiam a se solapar.¹⁰ Antes de começar o debate, é indicado que o cristão pergunte a seu opositor se ele está dizendo que é *impossível* que Deus e o sofrimento coexistam ou se é apenas imensamente *improvável*. Na maioria dos casos, o ateu sequer saberá dar uma resposta e caberá ao cristão introduzi-lo a esta divisão.¹¹ Vamos observar cada vertente por vez.

3.1.1 A versão lógica

Depois de nossas separações didáticas, podemos iniciar a análise propriamente dita dos argumentos. A versão lógica do *Problema Interno do Mal* afirma que os dois argumentos a seguir são incompatíveis:

1. Existe um Deus onipotente e bondoso.
2. O mal existe.

Não é difícil perceber que, isoladamente, tais premissas não apresentam contradição alguma. Não há como qualquer ateu sustentar a coerência do *Problema do Mal* usando apenas tais declarações. Obviamente, para o proponente desta argumentação, existem premissas ocultas que são assumidas (e que precisam ser reveladas) que tornam a contradição real.¹² Elas seriam:

3. Se Deus é onipotente, então ele pode criar qualquer mundo que deseje.

¹⁰ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 652-653.

¹¹ CRAIG, 2011, p. 171.

¹² CRAIG; MORELAND, 2005, p. 653.

4. Se Deus é bondoso, então ele prefere um mundo sem o mal a um mundo com o mal.

O problema central deste argumento é que pressupõe uma premissa que o ateu não forneceu:

5. Deus não possui qualquer bom motivo para a existência presente do mal.

No entanto, o teísta pode simplesmente indicar que (a) Deus pode ter uma razão para permitir o mal, razão esta que é conhecida somente por ele mesmo, ou (b) Deus possui uma razão para a existência do mal que é conhecida por alguns, mas não totalmente por todos, especialmente por ateus. “Em vista disso”, como diz Geisler e Feinberg, “a não ser que o ateu seja oniciente, não tem condições de dizer que não há nenhuma boa razão conhecida a Deus”.¹³ Em muitos casos, permitimos que a dor e o sofrimento ocorram na vida de uma pessoa a fim de produzir algum bem maior ou por que temos um motivo suficiente para permiti-lo, como no caso da disciplina de uma criança. Desde modo, Deus pode muito bem ter razões suficientes para permitir o mal no mundo, o que torna a segunda premissa falsa e todo o argumento inválido.¹⁴ Além do mais, se há um Deus totalmente bom, qualquer razão que seja dada por ele é *automaticamente* uma razão boa, visto que flui de sua vontade, que é perfeita.

Alguns ateus reconhecem que o mal e Deus não são necessariamente incompatíveis em um âmbito lógico, mas insistem que eles o são na *prática*: é logicamente possível que Deus possua boas razões para permitir o mal, mas realmente não há razão para acreditar que Ele o permite. Ou seja, ninguém liberaria Hitler de sua culpa com relação ao nazismo só por que é logicamente possível que ele possuísse uma razão muito boa para

¹³ GEISLER, Norman, FEINBERG, Paul D. *Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 234.

¹⁴ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 655-656.

matar os judeus. A resposta teísta é que Hitler (um humano finito) e Deus (um Ser transcendente e infinitamente bom) estão obviamente em categorias diferentes. Ainda que seja concebível que Hitler possuísse uma boa razão para o holocausto, todas as evidências apontam para uma negativa, quando, em relação a Deus, tudo indica uma boa razão para a existência do mal, como, por exemplo, sua própria natureza.¹⁵

Diante de tudo isto, como a questão aqui disputada é de ordem lógica e conceitual, tudo quanto o teísta precisa demonstrar é que há uma explicação *possível* para o mal. Apenas com isto, a alegação do ateu já está derrotada. Os cristãos não estão obrigados a mostrar que as coisas *de fato* são assim, mas apenas que é possível que sejam.¹⁶

A versão lógica do *Problema Interno do Mal* assume também outra forma, apelando não mais para a existência primária do mal, mas para sua não destruição.

1. Se Deus é totalmente bom, destruirá o mal.
2. Se Deus é onipotente, pode destruir o mal.
3. Mas o mal não está destruído.
4. Logo, não há um Deus onipotente e onibenevolente.

O ateu argumenta, pelo que parece, que por Deus *ainda* não ter derrotado o mal, *nunca* o fará. Mas o teísta indica que o ateu não poderia saber isto e nem supor tal hipótese.¹⁷ Argumentamos que há um limite de tempo subentendido na premissa 3, o que pode reformular o argumento para tais premissas:

1. Se Deus é totalmente bom, destruirá o mal.
2. Se Deus é onipotente, pode destruir o mal.
3. Mas o mal *ainda* não está destruído.
4. Logo, o mal será destruído um dia.

¹⁵ GEISLER; FEINBERG, 2009, p. 258.

¹⁶ GEISLER; FEINBERG, 2009, p. 258.

¹⁷ GEISLER; FEINBERG, 2009, p. 234.

Deste modo, pode-se comprovar exatamente o oposto do que é proposto pelo ateu, uma vez que, ao reconhecer a existência de um Deus teísta, há automaticamente uma solução para o problema do mal. Logo, se as razões para acreditar na existência de Deus forem boas, o mal é instantaneamente explicado.¹⁸

3.1.2 A versão probabilística

A versão probabilística do *Problema Interno do Mal*, por sua vez, traz afirmações mais difíceis de serem rebatidas. “Embora a explicação do mal dada a pouco seja possível”, argumentam os ateus, “ela ainda parece muito improvável. Deus não poderia reduzir o mal do mundo sem reduzir o bem? O mundo possui tanto mal sem sentido no mundo que parece improvável que Deus possua qualquer razão para mantê-lo existindo. Com isto, poderíamos argumentar que é improvável que Deus exista uma vez que encontramos tanta maldade existente”. De acordo com Craig, esse é um argumento muito mais poderoso que o problema puramente lógico do mal, uma vez que sua conclusão é mais modesta: “é provável que Deus não exista.”¹⁹ Para lidar com esta versão do *Problema do Mal*, podemos fazer três afirmações.

*Primeiro: em relação à extensão total da evidência, a existência de Deus é provável.*²⁰ Ainda que, se analisado isoladamente, o *Problema do Mal* pareça tornar improvável a existência de um Deus onipotente e onibenevolente, diante do escopo total de argumento a favor de sua existência, a probabilidade está pesando mais para esta hipótese do que para aquela. Ao se observar os argumentos teleológico, axiológico, ontológico e as evidências relacionadas à pessoa de Cristo, à historicidade da ressurrei-

¹⁸ GEISLER; FEINBERG, 2009, p. 257.

¹⁹ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 658.

²⁰ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 658-659.

reição, à existência de milagres e, além disso, a experiência existencial e religiosa, a probabilidade muda para “é provável que Deus exista” ao invés do oposto.

*Segundo: não estamos em condições de avaliar com confiança a probabilidade de que Deus não possua razões moralmente suficientes para permitir a ocorrência dos males.*²¹ Apelando para os efeitos noéticos do pecado, podemos argumentar que não temos como julgar apropriadamente a probabilidade de o mal no mundo possuir um motivo suficiente. Por não estarmos em uma boa posição epistêmica para tal julgamento, análises utilitaristas mostram-se frustradas, uma vez que aparentes atos de bondade podem gerar males terríveis, enquanto algumas atitudes desastrosas podem provocar benesses nunca imaginadas.

*Terceiro: o teísmo cristão implica doutrinas que aumentam a probabilidade da coexistência de Deus e do mau.*²² Ao observarmos algumas doutrinas fundamentais da fé cristã, encontramos alguns argumentos que pregam a coexistência da pessoa de Deus e toda a maldade que observamos a nossa volta. Podemos exemplificar com três delas.

Primeiro, de acordo com o entendimento bíblico e histórico da fé cristã, o propósito da vida não é a felicidade, mas o conhecimento de Deus. Os Catecismos de Westminster se iniciam com a seguinte questão: “Qual é o fim supremo e principal do homem?”. Resposta: “O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre” (Jo 17:22-24; Rm 11.36; 1Co 10.31; Sl 73.25-26; Is 43.7; Rm 14.7-8; Ef 1.5-6; Is 60.21; 61.3). Devemos entender que o sofrimento, de acordo com a fé cristã, não é central a nossa observação de mundo, uma vez que Deus é de suprema importância, e não nós.

Em segundo lugar, precisamos considerar estado de rebelião da humanidade contra a pessoa de Deus. Segundo a doutrina da Depravação

²¹ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 659-660.

²² CRAIG; MORELAND, 2005, p. 660-665.

Total, todos os homens são pecadores, corrompidos em cada parte do seu ser: pensamentos, emoções e vontade. Por tal motivo, ninguém pode fazer o bem aos olhos de Deus, sendo totalmente culpados e condenáveis. Deste modo, todos os homens seriam dignos de todo e qualquer sofrimento que recaísse sobre eles (Gn 6:5-6; 8:21; Jó 4:17; 14:4; Sl 51:5; Sl 58:3; Pv 20:9; Ec 9:3; Jr 13:23; 17:9; Dn 4:35; Mc 7:21-23; Jo 1:12-13; 3:3,5-8,18; 5:40; 6:44,65; 15:5; Rm 3:10-18; 5:12; 8:7-8; 1 Co 2:14; 4:7; 2 Co 3:5; Ef 2:1-3,8-9; Ef 4:17-19; 5:8; Cl 2:13; 2 Tm 2:25; Tt 1:15). Diante disto, o cristianismo propõe, ao invés de um *Problema do Mal*, um *Problema do Bem*: por que ainda existe qualquer bem no mundo se Deus é Justo e os homens são maus?

Em terceiro lugar, precisamos estar cientes de que o propósito de Deus não está restrito a esta vida, mas se estende pela eternidade. A vida pode parecer longa, mas comparada com a eternidade, ela não passa de um sopro, uma neblina, um suspiro, um piscar de olhos: “Esta vida nada mais é que a apertada e estreita antessala para o grande salão da eternidade de Deus.”²³ Sendo a existência tão curta e passageira como é, e existindo uma nova vida eterna de gozo e felicidade em Cristo, as dores presentes tornam-se menos alarmantes e são diminuídas ante as bênçãos que estão dispostas eternamente para aqueles que aguardam a vinda do Cordeiro (Cr 29:15; Jó 7:6-7; 8:9; 9:25-26; 14:2; Sl 90:9; 103:15-16; 144:4; Is 40:7,8; Tg 4:14). Este é o argumento de Paulo com relação a todos os sofrimentos que sobreviam sobre ele:

Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno. (2 Coríntios 4:16-18, NVI)

²³ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 664.

Diante de tudo isto, podemos concluir que a questão probabilística do mal pode ser satisfatoriamente respondida sem muita dificuldade. Ainda que a existência de Deus possa parecer improvável se observada de modo isolado, quando outros fatores são adicionados, podemos perceber que este argumento não pesa mais para o lado oposto do cristianismo. Como ilustram Craig e Moreland²⁴, probabilidades mudam com a adição de variáveis. Se eu digo que João é um universitário e que 90% dos universitários bebem cerveja, então existem 90% de chance de João beber cerveja. Porém, se eu adiciono a variável que João estuda na Universidade de Biola, e que nesta universidade em especial, só 10% dos alunos bebem, então nossa probabilidade mudou consideravelmente. O *Problema do Mal* como informação isolada pode solapar nossa fé na existência de Deus, mas se visto dentro do contexto de todas as variáveis, podemos crer que a versão probabilística do *Problema do Mal* é evidentemente falaciosa.

3.2 O problema externo do mal

Se o problema do mal fracassa como problema interno para o cristianismo, será que ele apresenta um problema externo insuperável? Muitos filósofos se voltaram a esta questão nos últimos anos. Esta versão do problema afirma que os males aparentemente desnecessários e inúteis do mundo constituem evidência contra a existência divina. O argumento é que as premissas seguintes são incompatíveis entre si:

1. Existe um Deus onipotente e bondoso.
2. Existe o mal desnecessário.

William Lane Craig explica que o motivo deste argumento ser um problema *externo* é devido os cristãos discordarem da segunda premissa,

²⁴ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 658.

uma vez que cremos que Deus possui um propósito para o mal.²⁵ O opositor do cristianismo está usando seu argumento da seguinte forma:

3. Se Deus existe, o mal desnecessário não existe.
4. O mal desnecessário existe.
5. Logo, Deus não existe.

Nosso contra-argumento está em afirmar que “o *modus ponens* de um homem é o *modus tollens* de outro.”²⁶ Ou seja, que nosso silogismo poderia, na verdade, ser disposto de tal forma:

3. Se Deus existe, o mal desnecessário não existe.
4. Deus existe.
5. Logo, o mal desnecessário não existe.

Para defender isto, muito do que já foi dito sobre o Problema Probabilístico do Mal é retomado. O opositor precisa desconsiderar toda uma gama de argumentos para a existência de Deus a fim de afirmar a inexistência de Deus com base em uma aparente desnecessariedade do mal. De fato, considerando que o mal só é desnecessário se Deus não existir, afirmar aquele a fim de provar este é um raciocínio circular crasso.²⁷

Por fim, podemos chamar atenção para o argumento axiológico, usando o argumento ateuista contra ele mesmo:

1. Se Deus não existisse, então os valores morais objetivos não existiriam.
2. O mal existe.
3. Portanto, valores morais objetivos existem.
4. Logo, Deus existe.

²⁵ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 665-666.

²⁶ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 667.

²⁷ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 666-667.

O argumento é simples: se Deus não existe, não existem valores morais objetivos: nem bem nem mal. Se ateus alegam a existência do mal, então existem valores morais absolutos, o que nos leva à inevitável conclusão de que Deus existe.²⁸

4 O PROBLEMA EMOCIONAL DO MAL

Mesmo após uma defesa logicamente perfeita ante ao *Problema do Mal*, precisamos entender que a questão foi apenas *filosoficamente concluída*: “Todas essas maquinações mentais podem ser de pouco conforto para quem sofre intensamente de um mal não merecido na vida.”²⁹ Enquanto o primeiro esboço deste estudo estava sendo produzido, ocorreu uma tragédia de nível mundial no Brasil. Um incêndio em uma boate em Santa Maria/RS mata quase 250 jovens universitários e deixam outros 100 feridos. Uma grande comoção tomou o Brasil. Posso testemunhar que nunca sofri tanto por conta de uma tragédia deste tipo. Eu entendia todas as respostas teológicas e filosóficas para o *Problema do Mal*, eu poderia formular vários modelos diferentes de *teodiceias*, mas eu ainda estava pessoalmente abalado com tudo aquilo. Ante esta versão do *Problema*, que já saiu do campo de atuação do filósofo, o conselheiro precisa atuar. Além de uma resposta intelectual aos que nos questionam racionalmente, o cristianismo também possui uma resposta para a dor do homem que sofre. Aqui, cabe-nos argumentar que o cristianismo não apresenta um Criador distante do sofrimento humano, mas um Pai amoroso que compartilha de nossas dores. Uma exposição da obra de Cristo em sofrimento pelos pecadores, sobre a depravação do homem, sobre a soberania de Deus e sobre as bênçãos da salvação eterna é o melhor argumento que pode ser

²⁸ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 668.

²⁹ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 668.

usado para os que não possuem problemas filosóficos, mas emocionais ante ao mal.³⁰ Diante de tudo isto, podemos assumir que não há motivos para achar que desconfortos emocionais sejam motivos para pensarmos que Deus não exista.³¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo isto, o que podemos concluir? Acredito que “o único caminho que fica aberto ao ateu é demonstrar que Deus não existe por razões outras que a existência do mal”³². É-nos evidente que os argumentos ateístas são fracos, na melhor das hipóteses, e até irrelevantes, se observados com cuidado. Podemos entender que não possuímos um *Problema do Mal*, na verdade, mas um *Problema do Bem*: como pode existir qualquer fagulha de bondade sobre a humanidade sendo Deus tão justo e o homem tão pecador? Apenas por meio de Cristo, que recebeu sobre si maldades sem fim, para que fossemos libertos das trevas. A Ele, pois, a glória para sempre. Amém.

³⁰ CRAIG; MORELAND, 2005, p. 669-670.

³¹ CRAIG; 2011, p. 169.

³² GEISLER, FEINBERG, 2009, p. 258.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Cidade de Deus: contra os pagãos*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2003.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006.

CRAIG, William Lane. *Em guarda: defendendo a fé cristã com razão e precisão*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GEISLER, Norman, FEINBERG, Paul D. *Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GLEI, Reinhold F.. Et invidus et inbecillus. Das angebliche Epikurfragment bei Laktanz, De ira dei 13, in: *Vigiliae Christianae* 42, 1988.

LARRIMORE, Mark Joseph. *The problem of evil: A Reader*. Blackwell, 2001.

MORELAND, J. P., CRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PLANTINGA, Alvin. *Deus, a liberdade e o mal*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

WENHAM, John W. *O enigma do mal: podemos crer na bondade de Deus?*. São Paulo: Vida Nova, 1989.